

# A Igreja Cristã: Pós-Milenista ou Amilenista?

David Chilton

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

Qual é a posição da Igreja histórica, ortodoxa, sobre a questão do milênio? Pode a doutrina da Igreja ser corretamente descrita como pós-milenista ou amilenista? Em geral, a diferença entre aqueles tradicionalmente chamados de “amilenistas” e aqueles tradicionalmente chamados de “pós-milenistas” tem sido colocada em termos das suas interpretações dos “mil anos” (em latim, *o milênio*) de Apocalipse 20. Os “amilenistas” têm usualmente visto esse texto como uma referência à condição dos santos reinando no céu, enquanto os “pós-milenistas” têm o entendido como uma descrição do domínio dos santos sobre a Terra. Contudo, como veremos, essa forma de estruturar a questão pode na verdade obscurecer alguns fatos importantíssimos sobre a visão *cristã* do “milênio”. Se desejarmos ganhar um entendimento da posição ortodoxa, devemos entender que a resposta a essa questão específica não pode ser determinada *primariamente* pela exegese de textos particulares. Por exemplo, “amilenistas” frequentemente discordam entre si sobre a natureza precisa da(s) ressurreição(ões) em Apocalipse 20 (para citar um dos vários pontos principais em disputa). E Benjamin Warfield, talvez o principal erudito “pós-milenista” da primeira parte deste século, propôs uma exegese de Apocalipse 20 que a maioria dos teólogos consideraria ser classicamente “amilenista”!<sup>2</sup>

Nossa estruturação da pergunta, portanto, deveria ser ampla o suficiente para levar em conta a diversidade de abordagens entre os vários amilenistas e pós-milenistas. Em essência, a questão do milênio centra-se no reino mediatório de Cristo. Quando o reino de Cristo começou (ou começará)? E uma vez que colocamos a questão dessa forma, algo impressionante acontece – algo quase não ouvido nos círculos cristãos: Unidade! Desde o Dia de Pentecoste em diante, os cristãos ortodoxos têm reconhecido que o reino de Cristo começou em sua ressurreição/ascensão e continuará até que todas as coisas tenham sido completamente submetidas debaixo dos seus pés, como São Pedro claramente declarou (Atos 2:30-36). “O milênio”, nesses termos, é simplesmente o reino de Cristo. Ele foi inaugurado no primeiro advento de Cristo, tem estado em existência por quase dois mil anos, e continuará até o segundo advento de Cristo no último dia. Em terminologia “milenarista”, isso significa que o retorno de Cristo e a ressurreição de todos os homens acontecerão *após* “o milênio”. Nesse sentido objetivo, portanto, *o Cristianismo ortodoxo tem sido sempre pós-*

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em Setembro/2006.

<sup>2</sup> Benjamin B. Warfield, “The Millennium and the Apocalypse,” *Biblical Doctrines* (New York: Oxford University Press, 1929), pp. 643-64.

***milenista***. Isto é, a despeito de como “o milênio” tem sido concebido (se num sentido celestial ou terreno) – isto é, a despeito da exegese técnica de certos pontos em Apocalipse 20 – os cristãos ortodoxos têm sempre confessado que Jesus Cristo retornará após (“*pós*”) o período designado como “os mil anos” ter terminado. Nesse sentido, todos os “amilenistas” também são “*pós*-milenistas”. Ao mesmo tempo, *o Cristianismo ortodoxo tem sido sempre amilenista* (isto é, não-milenarista). A Igreja histórica tem sempre rejeitado a heresia do milenarismo (nos séculos passados, isso foi chamado *quilianismo*, significando *mil-anos-ismo*). A noção de que o reino de Cristo é algo totalmente futuro, que há de ser introduzido por algum grande cataclismo social, não é uma doutrina cristã. Ele é um ensino heterodoxo, geralmente exposto por seitas heréticas que não pertencem à Igreja cristã.<sup>3</sup> Agora, o milenarismo pode tomar duas formas gerais. Pode ser o *pré*-milenarismo (com a segunda vinda como o cataclismo que anuncia o milênio) ou *pós*-milenarismo (com a Revolução Social como o cataclismo). Exemplos do primeiro ramo de quilianismo seriam, certamente, o movimento ebionita do período da Igreja primitiva, e o dispensacionalismo moderno da escola Scofield-Ryrie.<sup>4</sup> Exemplos de *pós*-milenarismo herético seriam fáceis de nomear também: a Revolta Münster de 1534, o Nazismo e o Marxismo (quer “cristão” ou não).<sup>5</sup> O Cristianismo ortodoxo rejeita ambas as

<sup>3</sup> O *pré*-milenismo parece ter sido originado pelo arqui-herexe ebionita Cerinto, um “falso apóstolo” que foi um oponente tanto de São Paulo como de São João. Cerinto alegava que sua doutrina do milênio tinha sido lhe revelada por anjos; e é interessante que a epístola de São Paulo aos Gálatas – que se ocupa grandemente em refutar as heresias legalistas de Cerinto – comece com essas palavras: “Mas, ainda que nós ou mesmo *um anjo vindo do céu* vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”. (Gl. 1:8)! Irineu registra que São João fugiu de uma casa de banho ao encontrar Cerinto, e gritou: “Fujamos, para que essa casa de banho não caia, pois Cerinto, o inimigo da verdade, está dentro!”. Para um relato sobre Cerinto e suas heresias, veja Irineu, *Contras as Heresias*, i.xxvi.1-2; iii.iii.4; cf. Eusebius, *Ecclesiastical History*, iii.xxviii.1-6; iv.xiv.6; vii.xxv.2-3. Como Louis Bouyer apontou em *The Spirituality of the New Testament and the Fathers* (Minneapolis: The Seabury Press, 1963, p. 173), alguns Pais da Igreja primitiva (e.g. Justino Mártir) adotaram o liberalismo *pré*-milenista dos seus antepassados pagãos, para os quais eram desconhecidos os gêneros literários bíblicos e as imagens bíblicas. A visão ortodoxa “agostiniana” representa uma compreensão mais madura do simbolismo bíblico e uma cosmovisão cristã mais consistente.

<sup>4</sup> Talvez o argumento mais básico contra o *pré*-milenismo é simplesmente que a Bíblia nunca fala de um reino milenar dos santos – fora de Apocalipse 20, uma passagem altamente simbólica e complexa no livro mais altamente simbólico e complexo da Bíblia! Graeme Goldsworthy observa em *The Lamb and the Lion: The Gospel in Revelation* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984): “É altamente improvável, para dizer o mínimo, que algo tão dramaticamente significativo como um reino milenar de um Cristo reaparecido na terra antes dessa era não fosse mencionado em nenhum lugar no Novo Testamento” (p. 127). Algumas obras que refutam o *pré*-milenismo, de várias perspectivas, são: Jay Adams, *The Time Is at Hand* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., [1966] 1970); Oswald T. Allis, *Prophecy and the Church* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1945, 1947); Loraine Boettner, *The Millennium* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., revised ed., 1984); David Brown, *Christ’s Second Coming: Will It Be Premillennial?* (Grand Rapids: Baker Book House, [1876] 1983); W. J. Grier, *The Momentous Event: A Discussion of Scripture Teaching on the Second Advent* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, [1945] 1970); Arthur H. Lewis, *The Dark Side of the Millennium: The Problem of Evil in Rev. 20:1-10* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980); Rousas John Rushdoony, *God’s Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism* (Tyler, TX: Thoburn Press, 1977); Ralph Woodrow, *His Truth Is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History* (Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977).

<sup>5</sup> Para relatos de movimentos heréticos (*pós*) milenares, veja Igor Shafarevich, *The Socialist Phenomenon*, William Tjalsma, trans. (New York: Harper and Row, Publishers, 1980); Norman Cohn, *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Millenarians and Mystical Anarchists of the Middle Ages* (New York:

formas de heresia milenarista. O Cristianismo se opõem à noção de qualquer novo cataclismo redentor ocorrendo antes do Juízo Final. O Cristianismo é anti-revolucionário. Assim, embora os cristãos sempre tenham esperado pela salvação do mundo, crendo que Cristo morreu e ressuscitou para esse propósito, eles também vêem a obra do reino como uma influência fermentadora, transformando o mundo gradualmente à imagem de Deus. *O cataclismo definitivo já aconteceu, na obra consumada de Cristo.* Dependendo da pergunta específica feita, portanto, o Cristianismo ortodoxo pode ser considerado amilenista ou pós-milenista – pois, na realidade, é ambos.

Outro ponto adicional deveria ser entendido: em adição a ser tanto “amilenista” como “pós-milenista”, a Igreja Cristã ortodoxa têm sido geralmente otimista em sua visão do poder do Evangelho para converter as nações. Em meu livro *Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion* (Ft. Worth, TX: Dominion Press, 1985), eu abri cada capítulo com uma citação do grande Santo Atanásio sobre o assunto da vitória do Evangelho por todo o mundo e a conversão inevitável de todas as nações ao Cristianismo. O ponto não é algo exclusivo em Santo Atanásio; numerosas declarações expressando a esperança da Igreja acerca do triunfo mundial do Evangelho podem ser encontradas por todos os escritos dos grandes Pais e mestres, em cada era do Cristianismo.<sup>6</sup> Ainda mais significativa, a crença universal na vitória vindoura pode ser vista na ação da Igreja na história. Os cristãos nunca supuseram que seu alto chamado era trabalhar a favor de algum tipo de *détente* com o Inimigo. O “pluralismo” nunca foi considerado pelos ortodoxos como um objetivo digno. A Igreja sempre reconheceu que Deus enviou seu Filho unigênito para redimir o mundo, e que ele não se satisfará com nada menos que aquilo pelo qual ele pagou.

Quando os primeiros missionários do Oriente se aventuraram dentro das nações demonizadas dos nossos antepassados pagãos, eles não tinham a menor intenção de desenvolver uma coexistência pacífica com os feiticeiros e suas deidades aterrorizantes. Quando São Bonifácio, em sua missão aos alemães pagãos, se aproximou de Thor, ele simplesmente derrubou-o e construiu uma capela com a madeira. Milhares de adoradores de Thor, vendo que seu deus não

---

Oxford University Press, 1957; revised, 1970); Otto Friedrich, *The End of the World: A History* (New York: Coward, McCann & Geoghegan, 1982), pp. 143-77; David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt-Manipulators: A Biblical Response to Ronald J. Sider* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, third ed., 1985), pp. 321-42.

<sup>6</sup> Veja-se Santo Agostinho, *The City of God*, Book XX. Sobre Santo Agostinho e a influência da sua filosofia pós-milenista da história, veja Peter Brown, *Augustine of Hippo* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967); Charles Norris Cochrane, *Christianity and Classical Culture: A Study of Thought and Action from Augustus to Augustine* (London: Oxford University Press, [1940, 1944], 1957); Robert Nisbet, *History of the Idea of Progress* (New York: Basic Books, 1980), pp. 47-76. Sobre a extensa herança Reformada do pós-milenismo, desde João Calvino até o final do século dezenove, veja Greg L. Bahnsen, “The *Prima Facie* Acceptability of Postmillennialism,” *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. III, No. 2 (Winter, 1976-77), pp. 48- 105, esp. pp. 68-105; James B. Jordan, “A Survey of Southern Presbyterian Millennial Views Before 1930,” *The Journal of Christian Reconstruction*, Vol. III, No. 2 (Winter, 1976-77), pp. 106-21; J. A. de Jong, *As the Waters Cover the Sea: Millennial Revival and the Interpretation of Prophecy* (Kampen: J. H. Kok, 1970); J. Marcellus Kik, *An Eschatology of Victory* (Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1971), pp. 3-29; Iain Murray, *The Puritan Hope: A Study in Revival and the Interpretation of Prophecy* (London: The Banner of Truth Trust, 1971).

havia ferido São Bonifácio com um raio, converteram-se ao Cristianismo ali mesmo. Quanto a São Bonifácio, permaneceu imperturbável com o incidente. Sabia que havia um só Deus verdadeiro do trovão – o Jeová Triúno.

Não há nada estranho sobre isso. A atitude de esperança, a expectativa de vitória, é uma característica absolutamente fundamental do Cristianismo.<sup>7</sup> O avanço da Igreja por todas as eras é inexplicável à parte do fato que a esperança é *verdadeira*, o fato que Jesus Cristo *derrotou* os poderes e *reinará* “desde o rio até às extremidades da terra” (Zacarias 9:10). W. G. T. Shedd escreveu: “À parte do poder e da promessa de Deus, a pregação de uma religião como o Cristianismo, a uma população como a pagã, é o mais puro quixotismo. Ele se opõe a todas as inclinações, e condena todos os prazeres do homem culpado. A pregação do Evangelho encontra sua justificação, sabedoria e triunfo somente na atitude e relação que o Deus infinito e todo-poderoso sustém para com ela. É a sua religião, e, portanto, deve finalmente converter-se numa religião universal”.<sup>8</sup>

Com o surgimento de escatologias divergentes dentro dos dois últimos séculos, o tradicional otimismo evangélico da Igreja foi denominado com o termo “pós-milenismo”, quer os assim chamados “pós-milenistas” gostassem ou não. Isso teve resultados positivos e negativos. Do lado positivo, é (como temos visto) uma descrição *tecnicamente* acurada da ortodoxia; e leva consigo a conotação de otimismo. Do lado negativo, frequentemente pode-se ser confundido com o milenarismo herético. E, embora o “amilenismo” expresse corretamente o aborrecimento ortodoxo à revolução apocalíptica, ele leva consigo (tanto pelo nome como pela associação histórica) uma forte conotação de derrotismo.<sup>9</sup> Portanto, o presente escritor chama a si mesmo de um “pós-milenista”, mas procura também ser sensível às insuficiências da terminologia teológica corrente.<sup>10</sup>

Esse pós-milenismo “genérico” sustenta que Jesus Cristo estabeleceu seu reino mediatório por sua morte, ressurreição e ascensão ao trono celestial, e como o Segundo Adão ele rege toda a criação até o final do mundo, quando virá de novo para julgar vivos e mortos; que ele está conquistando todas as nações pelo Evangelho, estendendo os frutos da sua vitória por todo o mundo, cumprindo através disso o mandato de domínio originalmente dado por Deus a Adão; que, a seu devido tempo, por meio do derramamento do Espírito Santo,

<sup>7</sup> Considere o fato que os compiladores do “*O Livro da Oração Comum*” forneceram “Tabelas para Encontrar os Dias Santos” até o ano 8400 d.C.! É claro que eles estavam se preparando para um longo período, e não esperavam um “arrebato” iminente da Igreja.

<sup>8</sup> W. G. T. Shedd, *Sermons to the Spiritual Man* (London: The Banner of Truth Trust, [1884] 1972), p. 421.

<sup>9</sup> Alguns têm procurado remediar isso chamando a si mesmos de “amilenistas otimistas”, um termo que não têm nada de errado, exceto um bocado de sílabas (o termo “pós-milenistas não-quiliastas” sofre do mesmo problema).

<sup>10</sup> O que antecede não tem o propósito de minimizar certas outras áreas de disputa entre as várias escolas de pensamento escatológico. O debatido ponto em disputa da “graça comum” – que James Jordan chamou mais precisamente de “as migalhas da mesa dos filhos” (Marcos 7:27-28) – é particularmente crucial para o debate, e assim, inclui o ensaio de Gary North sobre “Common Grace, Eschatology, and Biblical Law” [Graça Comum, Escatologia e Lei Bíblica] como um apêndice deste livro.

“a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is. 11:9); e que as promessas bíblicas de bênção abundante, em cada área da vida, serão derramadas por Deus sobre o mundo todo, em resposta pactual à fidelidade do seu povo.<sup>11</sup>

**Fonte:** *Days of Vengeance*, David Chilton, p. 493-98.

---

<sup>11</sup> Esse talvez seja um lugar tão bom quanto qualquer outro para comentar sobre o que é na atualidade a “objeção” mais intelectualmente respeitável ao pós-milenismo: a noção que a Terra não pode experimentar um período futuro de grande bênção física porque o mundo está “esgotando” os recursos naturais, se tornando superpovoado e/ou morrendo pela contaminação (etc.) – uma idéia popularizada por “estudos” fortemente parciais e até deliberadamente enganosos tais como *Global 2000* e *Limits to Growth*. Em primeiro lugar, essa objeção desconsidera completamente o fato que, de acordo com a Bíblia, tanto a abundância como a fome, a produtividade e a poluição, procedem da mão do Deus Todo-poderoso; que ele pode e de fato recompensa a obediência com bênção, e a desobediência com maldição (Dt. 8:1-20; 28:1-68; Is. 24:1-6). Em segundo lugar, os argumentos de que “estamos ficando sem recursos” e “estamos superpovoados” são carecem completamente do fundamento tanto de uma sólida informação como de uma teoria econômica. Veja Warren T. Brookes, *The Economy in Mind* (New York: Universe Books, 1982); Edith Efron, *The Apocalyptic: Cancer and the Big Lie* (New York: Simon and Schuster, 1984); Herbert L. London, *Why Are They Lying to Our Children?* (New York: Stein and Day, 1984); Charles Maurice and Charles W. Smithson, *The Doomsday Myth: 10,000 Years of Economic Crises* (Stanford: Hoover Institution Press, 1984); Julian L. Simon, *The Ultimate Resource* (Princeton: Princeton University Press, 1981); Julian L. Simon and Herman Kahn, eds., *The Resourceful Earth: A Response to “Global 2000”* (Oxford: Basil Blackwell, 1984); William Tucker, *Progress and Privilege: America in the Age of Environmentalism* (Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday, 1982). O fato é que o Cristianismo, por produzir a ciência e tecnologia do Ocidente, tem aumentado vastamente os recursos da Terra.